

TEORIA FEMINISTA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS: UMA ANÁLISE DA DESIGUALDADE DE GÊNERO NO MERCADO DE TRABALHO COMO INSTRUMENTO PARA A FEMINIZAÇÃO DA POBREZA NA AMÉRICA LATINA

Julia Farias Frerichs

Michelle Lomi Carreiro Cesarino Santos

Resumo:

Este artigo analisa a desigualdade de gênero no mercado de trabalho e sua relação com a feminização da pobreza na América Latina, destacando as raízes históricas dessa disparidade e os obstáculos enfrentados pelas mulheres na região. fundamentado nas obras de Collins (2016), Enloe (2014) e Tickner (1996). Dividido em duas seções principais, o estudo explora como a persistente disparidade de gênero contribui para a feminização da pobreza e discute a aplicação da teoria feminista das Relações Internacionais na compreensão desse fenômeno. Destaca-se a importância da participação das mulheres no mercado de trabalho para o desenvolvimento econômico e social da região, e enfatiza-se a necessidade de reduzir a disparidade de gênero para mitigar a feminização da pobreza na América Latina.

Palavras-chave: Teoria Feminista; Relações Internacionais; Pobreza; Desemprego; Gênero.

INTRODUÇÃO

O presente artigo possui como temática principal a análise da desigualdade de gênero no mercado de trabalho e sua utilização para a feminização da pobreza na América Latina.

De modo introdutório, a desigualdade de gênero é uma consequência histórica das estruturas sociais pautadas no patriarcado, que ainda se perpetuam

no mundo moderno nas mais diversas localidades. A América latina, durante muito tempo, foi palco de experimentações coloniais e replicação, ou ao menos a sua tentativa, destes moldes sociais já estruturados, trazendo para o continente os estigmas de gênero que já se faziam presente em suas metrópoles.

Assim, um grande resultado deste processo na atualidade é a feminização da pobreza, tendo em vista as desiguais condições ofertadas para o desenvolvimento e a independência financeira das mulheres latino-americanas, o que as torna socialmente vulneráveis. Com tal processo, cada vez mais problemáticas globais no que tange questões de gênero e pobreza surgem, trazendo consigo questionamentos sobre o atual sistema e indagações sobre como esta situação pode ser amenizada.

Logo, o trabalho apresentado possui como objetivo analisar criticamente a disparidade de gênero no mercado de trabalho à luz das teorias feministas das relações internacionais, e sua conseqüente feminização da pobreza no âmbito da América Latina. Desse modo, a presente obra será dividida em dois principais tópicos, (1) A feminização da pobreza, (2) A teoria feminista das relações internacionais: uma análise crítica do sistema internacional, além das considerações finais.

Tendo em vista tal abordagem, questiona-se como que a disparidade de gênero no mercado de trabalho no contexto da América Latina contribui para o aprofundamento da feminização da pobreza?

1. A FEMINIZAÇÃO DA POBREZA

A perpetuação da disparidade de gênero no mercado de trabalho vem ocasionando o aprofundamento de diversas problemáticas, sendo uma delas a feminização da pobreza. É possível compreender este fenômeno a partir da concepção de que, no decorrer do tempo, as mulheres estão sendo colocadas em uma condição de empobrecimento mais significativa em comparação aos homens (NOVELLINO, 2004). Dessa forma, entende-se que o primeiro grupo enfrenta desafios sistêmicos que as tornam mais suscetíveis ao estado de marginalização econômica.

Identifica-se que estes obstáculos estão relacionados aos papéis sociais que são atribuídas aos homens e as mulheres, o que contribui para que estereótipos sejam formados e, assim, desfavorecendo a participação feminina no mercado de trabalho, como podemos ver em:

Observamos que, em nossa sociedade patriarcal, a mulher por muitos anos encontrou-se em uma situação de “submissão” ao homem. O homem era visto como o “Pai de Família” responsável pela renda familiar, já a mulher era vista como a “Dona do lar” que tinha como deveres cuidar da casa, filhos e marido, essa condição de submissão acompanhou a mulher quando essa ingressa no mercado de trabalho (SILVA; MIRANDA, 2014, p. 2).

Assim, é perceptível que as mulheres são um dos grupos da sociedade à nível mundial que se encontram em vulnerabilidade, termo que pode ser entendido como “a falta de acesso de grupos marginalizados às oportunidades disponíveis na sociedade” (DA SILVA, 2018, p. 3). Logo, este grupo é colocado no limiar da dignidade no que se refere a uma falta de estabilidade financeira, ocasionada pela limitação de acesso às oportunidades que perpassam tanto o ambiente laboral quanto o de saúde e acesso à educação.

1.2. Desigualdade de gênero no mercado de trabalho na América Latina

A América Latina é considerada a região do mundo mais desigual socialmente, o que, segundo Silva (2017), contribui para o aumento iminente de risco no crescimento econômico, erradicação da pobreza e estabilidade social. Nesse sentido, na questão de gênero, as mulheres, em uma situação estigmatizada e de vulnerabilidade social, são as mais afetadas por este fator.

Afirma-se isto, uma vez que se verifica certos fatores que contribuem para a sub-representação feminina no mercado de trabalho na região latina como, por exemplo, a falta de renda própria e políticas públicas efetivas para a redistribuição de tarefas no âmbito familiar e laboral, já que boa parte do trabalho

realizado por mulheres não é reconhecido e, muito menos, remunerado, sendo visível através da análise de que:

A mulher ainda carrega boa parte do peso das desigualdades na região, sofrendo com a violência e os injustos sistemas fiscais. Apesar de muitas terem conseguido sair da pobreza, a desigualdade social se mantém e a região continua sendo a mais desigual do mundo para as mulheres (LAZAROTTO *apud* CHRISTIAN AID, 2018, p. 20).

Portanto, é cabível relacionar a pobreza feminina como uma faceta da desigualdade de gênero, sendo uma consequência histórica da segregação da mulher no espaço de trabalho assalariado. A mulher é condicionada a uma estrutura já enraizada na sociedade, que hierarquiza e estabelece a superioridade masculina, e que, conseqüentemente, podemos correlacionar com sua exposição a pobreza de uma forma mais acentuada do que do sexo oposto.

1.3. Análise estatística

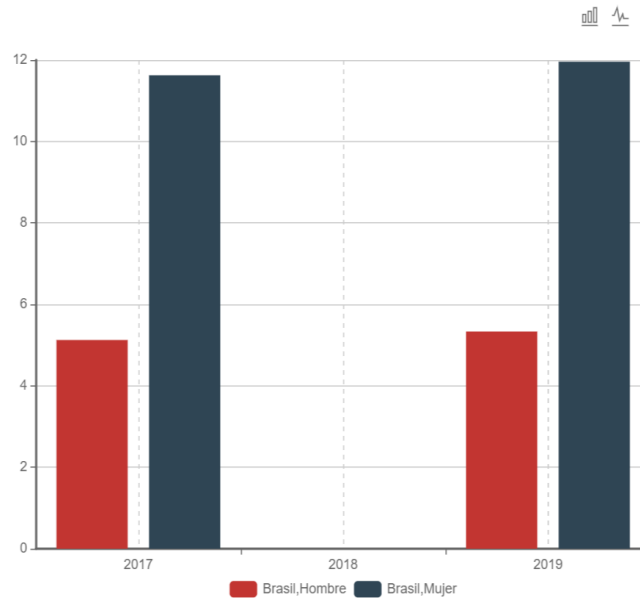
Como forma de ilustrar as percepções apresentadas anteriormente, faz-se necessário analisar o cenário brasileiro com o intuito de entender as disparidades de gênero estatisticamente. Dessa forma, o primeiro exame de dados, disponibilizado pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), se dá acerca da proporção de tempo dedicado a afazeres domésticos e cuidados não remunerados entre os gêneros no Brasil.

Gráfico 1: Tempo dedicado a trabalhos não remunerados entre gêneros

Temas transversales / Género / Trabajo remunerado y no remunerado / Tiempo de trabajo no remunerado (TNR)

Proporción de tiempo dedicado a quehaceres domésticos y cuidados no remunerados, según sexo.

(Porcentajes)



Fuente: CEPALSTAT - CEPAL - NACIONES UNIDAS

No gráfico podemos observar que nos últimos dois anos em que a coleta de dados foi realizada, a porcentagem de mulheres que exercem um trabalho não remunerado, ou seja, referente ao tempo dedicado para afazeres domésticos, é consideravelmente maior do que o tempo gasto pela amostra masculina. Entre 2017 e 2018, as mulheres despenderam cerca de 11,6% a 12% do tempo para atividades domésticas, enquanto os homens apenas 5,1% a 5,3% respectivamente.

Nota-se que houve um aumento do tempo gasto entre ambos os gêneros, mas que as mulheres ainda saem à frente dos homens, o que demonstra a falta de igualdade no que tange às atividades domésticas no âmbito familiar, prejudicando a participação feminina no mercado de trabalho remunerado e fortalecendo os papéis sociais arraigados tradicionalmente. É notório, também, que este cenário se perpetua por toda América Latina, não sendo visível uma proporção diferente do que a apresentada no país brasileiro.

2. A TEORIA FEMINISTA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS: UMA ANÁLISE CRÍTICA DO SISTEMA INTERNACIONAL

De modo contínuo, para que haja um melhor entendimento da aplicação do tema no âmbito das relações internacionais, é necessário um aprofundamento maior sobre o que as teorias feministas pensam e como isto se aplica de modo prático à temática abordada nesta obra.

A teoria feminista das relações internacionais traz um aspecto global para um problema muitas vezes encarado apenas como localizado: a desigualdade de gênero. Um dos pontos base da teoria é o entendimento do estabelecimento de dois principais atores, o "Eu" e o "Outro". Assim, a partir do encaixe da categoria mulher como o "Outro", o processo de inferiorização pelo "Eu" se inicia.

É importante ressaltar ainda o debate sobre a divisão da esfera pública e privada que respectivamente seriam o lugar político pertencente ao "Eu"/ homem, e o não-trabalho naturalizado do "Outro"/ mulher. Logo, a esfera privada como responsabilidade da mulher advém do preceito patriarcal de que "a mulher cuida do lar", estigmatizando a área privada e tornando os trabalhos domésticos uma obrigação deste "Outro".

Em outras palavras, o papel da mulher na sociedade vem de uma imposição social, lhe determinando um lugar apolítico. Logo, em uma estrutura de poder caracterizada por uma hierarquização e superioridade do "Eu" perante o "Outro", o próprio conceito de "mulher" é uma construção social.

Assim, cabe analisar como isso influencia o cenário histórico do sul global e como que as relações internacionais corroboram para a manutenção desta estrutura.

2.1 Aplicação da teoria feminista no sul global

Historicamente, a relação entre o "Eu" e o "Outro", no que tange a segregação entre homens e mulheres, parte de uma base estrutural do patriarcado que objetifica e reduz a mulher a estigmas ainda hoje perpetuados. O sul global, tratado diversas vezes como a periferia do mundo, serve como

localidade de reprodução destes estigmas, em grande parte por conta de seu processo histórico marcado pelo imperialismo.

Assim, a mulher é colocada cada vez mais em espaços marginalizados, tendo como grande exemplo o mercado de trabalho, o que fomenta a feminização da pobreza de modo internacional. Em países do sul global, como o Brasil, as mulheres no ano de 2020 estavam menos representadas em cargos de liderança além de sofrerem mais com o desemprego e a informalidade, consoante o IBGE.

Logo, o sul global, em especial a América Latina, não é uma exceção quando se trata de problemas relativos a disparidade de gênero. Dentro de um sistema internacional desigual, as mulheres latinoamericanas precisam carregar o fardo de dois "Outros" simultâneos: o outro mulher, e o outro periférico.

2.2 O papel das relações internacionais em relação a vulnerabilidade feminina

Consoante Cynthia Enloe (2014) "O internacional é pessoal" e "o pessoal é internacional". Assim, é possível entender que a questão da feminização da pobreza atrelada a disparidade de gênero no mercado de trabalho acontece de modo localizado porém global.

Ou seja, tal problemática ocorre em diversas localidades ao mesmo tempo, apesar de suas particularidades, e as consequências não se restringem a fronteiras, afetando todo o sistema internacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como finalidade identificar conceitos e ideias fundamentais tal como a feminização da pobreza, a discrepância de gênero no mercado de trabalho, além da utilização da teoria feminista das Relações Internacionais para embasar essa importante temática. Como resultado, foi possível observar que, de fato, a disparidade de gênero em diversos âmbitos,

desde a vida cotidiana até a trabalhista, está atrelada ao fenômeno da feminização da pobreza.

Ademais, conseguimos visualizar a diferença alarmante na participação entre homens e mulheres nos afazeres domésticos que se enquadram como trabalho não remunerado. Enquanto não contemplarmos uma igualdade entre os gêneros nas atividades caseiras, a participação feminina no mercado de trabalho na região latinoamericana será afetada notavelmente, amplificando a exposição deste grupo a uma situação de pobreza.

Além disso, confere-se que a mulher é colocada em uma posição do “Outro” do homem, que é naturalizada e que a inferioriza. A teoria feminista das Relações Internacionais, principalmente a ideia traçada por Enloe (2014), fornece um arcabouço que ajuda a compreender que tal problemática, apesar de se estender pela América Latina, possui um alcance global.

Entendemos, por fim, que, em um panorama latino de extrema desigualdade, é fundamental que o sexo feminino esteja incluso no mercado de trabalho, afinal “a participação no desenvolvimento econômico não é apenas um direito das mulheres, mas também uma condição para o próprio desenvolvimento” (LAZAROTTO, 2018, p.21). Desta forma, os países que formam a América Latina precisam combater a disparidade de gênero na esfera laboral, com o objetivo de dissipar o fenômeno da feminização da pobreza.

REFERÊNCIAS

COLLINS, Patricia H. **Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro**, Revista Sociedade e Estado, volume 31, número 1. 2016.

ENLOE, Cynthia. **Bananas, Beaches and Bases: making feminist sense of international politics**. Berkeley, Los Angeles e Londres: University of California Press, 2014.

TICKNER, J. Ann. **Identity in International Relations Theory: feminist perspectives**. In: LAPID, Yosef e KRATOCHWIL, Friedrich (eds.). The Return of Culture and Identity in IR Theory. Boulder: Lynne Rienner Publishers, 1996.

NOVELLINO, Maria Salet Ferreira, **Os estudos sobre feminização da Pobreza e Políticas Públicas para mulheres**. XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, Caxambú – MG, 2004.

DA SILVA, Thamyses Cristina Araujo Melo; DE MIRANDA, Marcelo Ricardo Bezerra. **FEMINIZAÇÃO DA POBREZA: UMA QUESTÃO HISTÓRICA DE GÊNERO E SEGREGAÇÃO DA MULHER**. VII Congresso Brasileiro de Geógrafos, Vitória - EP, 2014.

DA SILVA, Lisiana Lawson Terra. Risco e vulnerabilidade social feminina. **RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 4, 2018.

AMBIENTE, Meio; SILVA, Rosimeire Araújo; FEARNSIDE, Philip Martin. América Latina é a região mais desigual do mundo. Revista Diálogos do Sul, 2017.

LAZAROTTO, Juliana Pereira Pinho. **A DESIGUALDADE DE GÊNERO NA AMÉRICA LATINA: ANÁLISE NO MERCADO DE TRABALHO**. UFPR, Curitiba, 2018.

CEPALSTAT **Bases de Datos y Publicaciones Estadísticas**. Disponível em: <<https://statistics.cepal.org/portal/cepalstat/dashboard.html?lang=es>>.